

## ***COMO ASSIM? HOMENS NÃO TÊM OVÁRIOS, PROFESSORA! UM TOM MENOR ESTÁ SEMPRE ENTRELAÇADO COM TONS MAIORES***

***Eixo Temático 09 – Corpos, gêneros e sexualidades no Ensino de Ciências e Biologia: brechas e outros possíveis contra-hegemônicos***

Mariana Gabriele dos Reis <sup>1</sup>  
Sandro Prado Santos <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este texto trata das narrativas de uma professora de Ciências, trazidas por meio de relatos das atividades realizadas durante a disciplina “Ensino de Biologia e sexualidade: aproximações pertinentes”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), de uma universidade federal mineira, com possíveis caminhos de práticas e de estratégias de permanência e resistência nos territórios tirânicos, violentos, reguladores, universais, binários e cisheterocentros da Educação em Biologia. Objetivamos trazer as linhas, as fugas e os sentidos combativos que insurgem das/nas narrativas dessa professora os quais têm nos mobilizado e encorajado esforços na continuidade dos avanços com/nas miudezas dos territórios. Aproximamo-nos da cartografia como perspectiva metodológica para operarmos com a análise das linhas instauradas nas narrativas. As narrativas ajudaram a compor ensaios que se aproximam de uma experimentação acontecimental, da Educação em Biologia menor, na insurgência e mobilização de encontros imprevisíveis com territórios combativos, dialogando com as muitas maneiras de fazê-los e habitá-los com os gêneros e as sexualidades, pois defendemos que há, sempre, um tom menor nas narrativas entrelaçado com tons maiores. A partir da leitura dos três operadores do “menor”, compreendemos que as linhas – ‘Professora, existe homem com ovários? Sim, existem homens com ovários. Como assim? Homens não têm ovários, professora!’ – acionam um esforço de (re)produções da soberania e reafirmação do regime normativo da diferença sexual e de gênero, mas também mobilizam campos de forças que podem incidir na produção de outros possíveis com a Educação em Biologia, ativando outros modos de percepção e inventando linguagens que falam no interstício de línguas maiores. As narrativas implicam um (re)posicionamento da nossa tarefa educativa, cabendo a nós escolher se queremos permanecer ao lado de reafirmações do regime normativo de gênero ou entrar em um exercício, coletivo, de desmonte de sistemas opressivos.

**Palavras-chave:** Cartografia, Educação em Biologia menor, Territórios.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [mariana\\_greis@hotmail.com](mailto:mariana_greis@hotmail.com).

<sup>2</sup> Orientador. Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [sandro.santos@ufu.br](mailto:sandro.santos@ufu.br).



## Introdução

A Educação em Biologia compõe diversas narrativas e movimentos que, ao longo do meu percurso enquanto professora/educadora<sup>3</sup>, conduziram-me ao encontro das muitas maneiras de fazê-la e habitá-la com os gêneros e as sexualidades. *Ora* acionada com os modos reguladores, tirânicos, violentos e de captura da estrutura binária dos gêneros, em que são fortalecidas ações separatistas e condutoras dos corpos, a partir de órgãos reprodutivos, como filas, banheiros, esportes, atividades recreativas e, até mesmo, a ideia de que a predisposição a certas áreas do conhecimento são especulares às identidades de gênero; *ora* evocada por meio de brechas e da produção de narrativas não contadas (ainda que vividas) que podem reativar modos outros de operar e experimentar com os gêneros e as sexualidades.

O encontro com a perspectiva de movimento da Educação em Biologia tem produzido nossa inquietude com a predominância dos usos reguladores e de capturas dos gêneros e das sexualidades, que os invisibilizam e os ofuscam na reinvenção de outros possíveis; e, ao mesmo tempo, tem nos mobilizado a apostar nessa educação como um espaço de possibilidades que abre caminho para outras formas de existir, educar, aprender e ensinar.

A possibilidade de escrita deste texto nos encontra com a vontade de tonalizar a condição de possibilidade, para a instauração de exercícios e/ou estratégias de resistências que afugentem a predominância das significações tirânicas, violentas, reguladoras, universais, binárias e cisheterocentradas da/na Educação em Biologia.

Desse modo, revisitamos uma estória contada pela primeira autora deste texto, durante a disciplina “Ensino de Biologia e sexualidade: aproximações pertinentes”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), de uma universidade pública mineira, na tentativa de pensarmos nas possibilidades, por ela inauguradas, de mobilização e encorajamento de esforços de práticas e de estratégias de permanência e resistência aos usos que capturam e subjugam os gêneros e as sexualidades na Educação em Biologia.

A partir disso, utilizamos a cartografia<sup>4</sup> como estratégia metodológica para mapearmos e operarmos com as análises das linhas instauradas no episódio da estória “*Professora, existe homem com ovários?*”. As linhas traçadas foram registradas no diário de campo da cartografia.

<sup>3</sup> Referência a 1ª autoria deste texto.

<sup>4</sup> O uso dela tem sido feito pensando num modo de desenhar, desenredar, traçar e acompanhar movimentos da Educação em Biologia com os gêneros e as sexualidades e composições de linhas de regulações, normatizações, bem como de rupturas e resistências em seus modos de operação. Assim, tecer e desenredar linhas da Educação em Biologia compreende a construção de um mapa que traça movimentos e composições de linhas e possibilidades por elas inauguradas (Prado-Filho; Teti, 2013).



O diário foi produzido como um pequeno inventário de linhas que povoam tal episódio, o espaço investigado, por meio da produção de ‘fragmentos narrativos’.

Partindo dessas perspectivas, objetivamos trazer as linhas, as fugas e os sentidos combativos que insurgem das/nas narrativas dessa professora os quais têm nos mobilizado e encorajado esforços na continuidade dos avanços com/nas miudezas dos territórios.

### **Das muitas maneiras de compor com a Educação em Biologia, gêneros e sexualidades: fazendo e habitando territórios**

Vivemos um tempo em que as maneiras de compor e habitar os territórios da Educação em Biologia<sup>5</sup> têm intensificado a marca da cartografia reinante e os seus usos maiores que voltam a tonalizar forças em prol de esforços que insistem na reedição do modelo intransponível e irredutível da inteligibilidade dos gêneros e das sexualidades, marcando usos que constroem e sustentam a impossibilidade dos potenciais criativos, a indiferença e o estreitamento do pensamento na Educação em Biologia. A lógica dos usos maiores ganha força à medida que produz uma cartografia universal, incute a impossibilidade de outras experimentações com os gêneros e as sexualidades e naturaliza tal modelo.

Neste sentido, há uma disputa política deste tempo sombrio contra as investidas dos espaços ético-estético-políticos, menores, de re-existências e co-criação com gêneros e sexualidades. Por isso, a intensa regulação e a maquinação do controle produzidas pela *Educação em Biologia Maior* (Santos; Martins, 2021) têm encorajado esforços na produção de assombramentos que tornam possível o esquecimento e o não reconhecimento de que, por meio da educação menor, podemos inscrever exercícios sofisticados de combates e de estratégias pela insurgência de outros mundos possíveis com os gêneros e as sexualidades na Educação em Biologia, destituindo desta os seus domínios ético-estético-políticos.

A empreitada da *Educação em Biologia Maior*, em seu esforço de (re)produções da soberania e reafirmação do regime normativo da diferença sexual e de gênero, escolarizou-nos com a imposição do “[...] dimorfismo a línguas e dos [...] modos de criação de mundo” estritamente nos termos do sistema colonial de gênero (Butler, 2024, p. 233). Os seus usos e marca instalam seus pilares nos livros didáticos, nos currículos, nos cursos de formação de

---

<sup>5</sup> Entendemos que a Educação em Biologia faz território atravessado por uma composição de linhas, que nos contam como têm sido produzidas, cotidianamente, estratégias e possibilidades de produções curriculares, junto aos gêneros e às sexualidades. Ao compor território a Educação em Biologia tem a sua geografia, sua cartografia e seu diagrama que permite (des)montagens de linhas que a compõe, ou que elas tomam emprestadas ou criam (Deleuze, 2013).



professores/as, nas aulas, nos recreios escolares, nos diferentes espaços educativos escolares e não escolares, compondo um mapa “da cara de pau”, não menos político, de naturalizar a lógica binária e a oposição da diferença sexual; de aprisionar os gêneros, as sexualidades e as diferenças ao contexto da excepcionalidade biológica; e de tornar os gêneros e as sexualidades presenças inaudíveis na constituição e organização da Educação em Biologia.

A *educação em biologia menor* (Santos; Martins, 2021) implica o tensionamento das lógicas da cartografia conhecida e reinante para os gêneros e as sexualidades e a mobilização de encontros imprevisíveis com outras territorialidades de acolhimento da diferença. Dessa maneira, se ela se lança como um dos movimentos de cartografias inventivas, das suas possibilidades de inaugurar outras enunciações nos territórios e da capacidade de alargar frentes de (re)existências, o enfrentamento à violência, ao esquecimento e ao não reconhecimento produzidos pela lógica dos usos maiores, demanda a produção de repertórios guerreiros (Deleuze; Guattari, 2012), ativando movimentos menores num riscado de batalha.

Eles nos encorajam a arriscar e praticar “[...] outras coisas além do já feito e do planejado em que não há prescrições (faça desse modo) e nem linguagens pedagógicas normativas (deve-se ensinar assim), mas experimentações e maquinações de uma *educação em biologia menor*” (Santos; Martins, 2021, p. 24, destaque dos autores). Uma *educação* que se pratica no miúdo, como um campo de possibilidades e invenções que contrariam todo e qualquer exercício prescritivo e de linguagens pedagógicas normativas. Neste sentido, é necessário, para não sucumbirmos, arriscar e inaugurar exercícios, mesmo que pequenos/menores, de combate aos usos e à marca da *Educação em Biologia Maior*.

### **Há sempre muitas estórias menores dentro de uma outra gigante nos territórios da Educação em Biologia**

Apresentamos a seguir um fragmento da estória expressa nas fronteiras de uma aula de Ciências, sobre o sistema digestório, em uma turma de oitavo período da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede pública de uma cidade mineira. Uma estória vivenciada juntamente aos/às estudantes, um acontecimento que poderia ser facilmente ignorado, mas me capturou e me fez perceber que aquela era uma estória menor, pois “Há sempre muitas histórias menores dentro de uma outra gigante. Essa história maior torna-se pequena perto das muitas que vibram dentro dela, tentando escapar [...] à espera [...] de virem à tona para transformar toda uma paisagem, toda uma história” (Belinaso, 2023, p. 152).

A partir da indignação “*Como assim? Homens não têm ovários, professora!*”, percebo a necessidade de deslocar o conteúdo original da aula, como um movimento desejado que apenas aguardava uma brecha para vazar. Ao responder que “*Homens cis não têm ovários, mas*



*peçoas trans podem se identificar como homens, mesmo que em seu corpo haja ovários. Entendem?*”, questiono conceitos pré-determinados e possibilito conexões outras sobre temas que se desdobram, a partir de uma ideia violenta, hegemônica e dura sobre os corpos, as sexualidades e os gêneros. E nesse contexto, caberia a mim, enquanto professora, desdobrar o mapa de possibilidades a partir do questionamento de um estudante: *Professora, existe homem com ovários?* Um exercício inventivo que anuncia o desenho de outros territórios da Educação em Biologia com movimentos menores.

Durante a aula sobre o sistema digestório, o inesperado e o (in)evitável aconteceu transformando a paisagem da aula de Ciências:

- *Professora, existe homem com ovários? - Nesse momento a turma reagiu com risos e comentários sobre a pergunta. E prontamente eu disse:*
- *Sim, existem homens com ovários.*

*Após a minha confirmação a turma se agitou, todos pareciam curiosos, e um outro estudante perguntou:*

- *Como assim? Homens não têm ovários, professora!*
- *Homens cis não têm ovários, mas pessoas trans podem se identificar como homens, mesmo que em seu corpo haja ovários. Entendem? - Eu disse.*

As narrativas compõem ensaios que aproximaram a aula de Ciências de uma experimentação imprevisível: *“Professora, existe homem com ovários?”*. Os/as estudantes acionaram, na aula sobre o sistema digestório, o regime normativo da diferença sexual e de gênero, ativando esforços de (re)produções da soberania e reafirmação de tal regime - *“Como assim? Homens não têm ovários, professora!”* – e, ao mesmo tempo, mobilizando-me a abrir um campo de forças que incidem em outros modos de percepção, inventando linguagens - *“Sim, existem homens com ovários”* - que falam no interstício de línguas maiores.

A partir do contexto da aula - *“Sim, existem homens com ovários. Após a minha confirmação a turma se agitou, todos pareciam curiosos [...] Homens cis não têm ovários, mas pessoas trans podem se identificar como homens, mesmo que em seu corpo haja ovários. Entendem? - Eu disse”* -, fui tecendo linhas, de invenções de movimentos menores, contra as cartografias que impedem ou estriam a invenção de outros caminhos com os corpos, os gêneros e as sexualidades, colocando os usos maiores de ensinagens e aprendizagens dos gêneros e sexualidades com/na Educação em Ciências/Biologia em fuga.

Ficou evidente a coexistência de um tom menor nas narrativas - *“Sim, existem homens com ovários”* - entrelaçado com tons maiores, bem com as disputas entre eles - *“Como assim? Homens não têm ovários, professora!”*. Na disputa, a escolha foi pelo alargamento de sentidos



e diálogos nas aulas de Ciências – “*Homens cis não têm ovários, mas pessoas trans podem se identificar como homens, mesmo que em seu corpo haja ovários. Entendem?*” -, deslocando a reedição do modelo intransponível e irreduzível da inteligibilidade dos gêneros e das sexualidades, bem como os usos que constroem e sustentam a impossibilidade dos potenciais criativos, a indiferença e o estreitamento do pensamento nas aulas. Desse modo, no interstício dos usos maiores, anuncio uma escolha política pela defesa de uma educação menor, que traz como aposta um conjunto de possibilidades para pensarmos na criação de espaços reflexivos para além da binarização dos corpos, gêneros e sexualidades.

As dúvidas dos/as estudantes continuaram até que fomos interrompidos/as pelo fim do horário, e eu me despedi feliz por ter encontrado o desconhecido em um momento de deslumbre pelo imprevisível – um desejo pelo menor.

Tal encontro tonalizou uma reflexão sobre quais os possíveis caminhos de pensamento e de práticas nos modos de fazer e habitar os territórios da Educação em Biologia com gêneros e sexualidades importam, pois ficou evidente que o funcionamento de uma aula de Ciências/Biologia se efetiva em um território ético-estético-político. E nossa escolha está na continuidade dos avanços com/nas miudezas dos territórios como ato positivo de criação e afirmação da vida e no combate de cartografias afeitas ao sentido de gêneros e sexualidades tirânico, violento, regulador, universal, homogêneo, binário e cisheterocentrado.

### **Considerações irrompidas após o fim do horário...**

Apresentamos narrativas que revelam a potência das fissuras e brechas que surgem no cotidiano escolar, especialmente, quando corpos, gêneros e sexualidades são acionados por linhas do conhecimento biológico. Ao tensionarmos as linhas que produzem uma Educação em Biologia Maior, identificamos como suas lógicas normativas e binárias se impõem e regulam os modos de existir. No entanto, podemos evidenciar que tais lógicas não são impenetráveis: há sempre um tom menor entrelaçado aos tons maiores, e é nesse entremeio que a educação menor se inscreve e resiste. As educações menores, ao contrário do que se poderia imaginar, não são apenas marginais; elas são espaços vivos de (re)invenção, de (re)existência e de insurgência do ato positivo de criação e afirmação da vida.

Consideramos que a Educação em Biologia/Ciências, tradicionalmente marcada por regulações e disciplinamentos, é também palco de resistências e de linhas de fuga, o que se expressa na pergunta: “*Professora, homens têm ovários?*”. Consideramos que a pergunta fez insurgir um convite de reflexões e criações de outras possibilidades de espaços e de diálogos



que nos afastaram de um regime normativo e nos engajaram em um processo coletivo de desmonte de sistemas opressivos de corpos, gêneros e sexualidades.

### Referências

BELINASO, Leandro. **Vai ser difícil dormir esta noite**. Goiânia: Mondru, 2023.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 3ª edição, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2012, p. 11-118.

PRADO-FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Desterritorializações e... políticas e... coletividade e... minorações: tessituras e re-existências de uma Educação em Biologia Menor. In: SANTOS, Sandro Prado; DINIZ, Vania Sardinha dos Santos. **Redes de conversações: tecendo re-existências educativas com as Ciências Biológicas**. Uberlândia: Culturatrix, 2021, p. 22-25.